



RESENHA

BAIER, K.; MAAS, P. A.; PREISENDANZ, K.
(Eds.). *Yoga in transformation*. Vienna: Vienna
University, 2018. ISBN impresso: 9783847108627.
ISBN e-book: 9783737008624. 631 pp.

*Pamela Siegel**

Por mais que o *yoga* venha se disseminando na contemporaneidade como uma prática psicofísica, não devemos deixar de considerar que seu fim último originariamente é a liberação. Na última década, muitos estudos sobre *yoga* foram publicados, tanto com o intuito de resgatar significados apresentados em textos pré-modernos sobre o tema (Mallinson, Singleton, 2017), como aplicar a essa prática olhares das ciências sociais e humanas. De uma prática espiritual transmitida através da iniciação de mestre a discípulo, de lábio a ouvido (Siegel, Barros, 2016), o *yoga* foi adquirindo nuances próprios dos seus contextos sociais, culturais e religiosos, contudo materiais mais amplos que compõem o corpus yóguico ainda são desconhecidos fora dos ambientes acadêmicos especializados.

Na atualidade, o *Hatha Yoga*, com ênfase nas posturas físicas (*asanas*), respirações (*pranayamas*) e concentração (*dharana*), é o mais praticado no mundo, ignorando o objetivo da liberação, muito embora esta modalidade tenha surgido da combinação de dois métodos yóguicos. O primeiro provém do período antes da nossa era cristã, dos ascetas mencionados no *Mahabharata* e no *Ramayana*, e do cânone budista em pali. O segundo provém das escolas tântricas que floresceram entre os anos 1000 e 1500 da era cristã na Índia (Mallinson, 2013). Enquanto o primeiro método buscava a liberação, o segundo buscava o desenvolvimento de poderes psíquicos (*siddhis*).

É certo que o *yoga* vem passando por profundas transformações; é consumido como um símbolo cultural, que inclui o assim chamado *Vedic way of Life*, transformando-se num mercado heterogêneo, desregulado e globalizado (McCartney, 2017), em que não há vestígios da liberação, dado que práticas ascéticas não são palatáveis como produtos do desejo capitalista contemporâneo.

Para compreender melhor o fenômeno do *yoga* e sua transformação, a obra *Yoga in Transformation* traz importantes abordagens a partir de estudos sul-asiáticos, das religiões, sociologia, estudos culturais, teologia e história das religiões.

O livro, com 631 páginas, está dividido em duas partes. A Parte A tem como título *Yoga in South Asia and Tibet*, e a Parte B é intitulada *Globalized Yoga*; ambas contêm

* Doutora em saúde coletiva (UNICAMP). Membro gestor do LAPACIS (UNICAMP). ORCID: 0000-0003-3276-1309 – Contato: pam@mpcnet.com.br

oito capítulos. Antes de cada capítulo há um sumário, trazendo os conteúdos, a saber, a Introdução, os temas principais abordados, a conclusão e as referências. E, no final do livro, há um resumo sobre todos os autores que participaram dessa publicação.

No capítulo primeiro, *Some Problematic Yoga Sutras and Their Buddhist Background*, Dominik Wujastyk argumenta que, para conhecer o *Patañjalayogasastra*, é necessário dominar conhecimentos históricos e filológicos, e aponta três termos sânscritos que teriam sido pouco compreendidos nesta obra de Patanjali, pois deveriam ser contextualizados dentro da tradição budista sul asiática. O autor afirma que Patanjali sofreu uma influência do budismo, logo, é fundamental que o leitor esteja familiarizado com as práticas budistas para compreender Patanjali. O *Patañjalayogasastra* também é tema do segundo capítulo: *Sthirasukham Asanam: Posture and Performance in Classical Yoga and Beyond*, em que Philipp Maas trata do papel das posturas (*asanas*) no caminho para a liberação. Comparando as descrições das posturas nessa obra com as de outra obra medieval, conclui que alguns detalhamentos podem variar, mas que as obras concordam quanto à possibilidade de um yogue praticar longas sessões de posturas, exercícios respiratórios e meditação para fins maiores e não meramente como um desempenho performático em si.

The Proliferation of Asanas in Late-Medieval Yoga Texts é o título do terceiro capítulo, em que Jason Birch traz textos sânscritos recém-descobertos que listam um número maior de *asanas* do que aqueles anteriormente conhecidos. A partir desse material, Birch sustenta que houve uma ruptura histórica da prática de *asanas* durante o período da Índia colonial, quando se deu uma proliferação de textos não documentados e posturas que surgiram no cenário sul asiático a partir da cultura física e ginástica europeias.

O quarto capítulo tem como título *Yoga and Sex: What is the Purpose of Vajroli mudra?*, cujo autor é James Mallinson. Trata de uma prática espinhosa de cunho sexual, que gira em torno da preservação do sêmen do yogue. Caso este venha a experimentar a ejaculação, consiste na sucção do sêmen de volta através de sua uretra, a partir da vagina de uma mulher “dedicada ao *yoga*”. Essa prática foi suprimida, por exemplo, na tradução da obra *Hathayogapradipika* ao inglês por Rai Bahadur Srisa Chandra Vasu, por considerá-la obscena. Através de sua pesquisa, Mallinson conclui que essa prática provavelmente tenha sido desenvolvida num ambiente ascético celibatário. Mais do que um componente ritualístico do tantra sexual, seria uma maneira de os yogues praticarem sexo, mantendo a contenção do esperma.

No capítulo quinto, *Yoga in the Daily Routine of the Pancaratrins*, Marion Rastelli discute as cinco disciplinas rituais praticadas pelos devotos da tradição vaishnavista *Pancaratra*. O *yoga* pode ser praticado antes do sono, entre as fases do sono ou após o sono. As duas primeiras possibilidades seriam ideais, já que trariam *insights* para o yogue. Os benefícios que esses praticantes extraem do *yoga* são: treinamento mental, a consciência da natureza de Deus e *insights* sobre a relação entre Deus e o ser.

No capítulo seguinte, outra tradição vaishnavista, o movimento Varkari, é discutida por Catharina Kiehnle, em *The Transformation of Yoga in Medieval Maharashtra*. A autora baseia seu estudo no *Jnandev Gatha*, uma coletânea de cânticos atribuída ao poeta *Jnandev*, e sugere que o *Bhakti Yoga* (*yoga* da devoção) dos Varkaris fora oferecido aos leigos como uma alternativa às formas de *yoga* praticadas em círculos de ascetas.

O capítulo sétimo foca na transferência cultural do *yoga* do sul da Ásia ao mundo árabe na Idade Média. Em *On al-Biruni's Kitab Patangal and the Patañjalayogasastra*, os autores Philipp Maas e Noemie Verdon discutem a hipótese de que o sábio al-Biruni tenha usado o *Patañjalayogasastra* como fonte principal para a sua obra *Kitab Patangal*, com o intuito de tornar a dimensão espiritual do *yoga* acessível aos seus leitores muçulmanos.

Outra transferência do *yoga*, agora do sul da Ásia para o Tibete, é o tema do capítulo oito, intitulado *Tibetan Yoga: Somatic Practice in Vajrayana Buddhism and Dzogchen*, de autoria de Ian Baker. O autor assinala a ocorrência do termo *hathayoga* e de técnicas hathayóguicas em textos budistas tântricos, como o *Gubhyasamajatantra* e o *Amrtasiddhi*, e apresenta cinco práticas yóguicas que ocorrem no *Kalacakratantra*.

O capítulo nono faz parte da Seção B. Em *Yoga within Viennese Occultism: Carl Kellner and Co.*, Karl Baier analisa o papel do *yoga* e do sexo ritualístico dentro do movimento maçônico Círculo Interno Oculto do Santuário Supremo, que floresceu em Viena no final do Império Habsburgo, e que depois gerou o *Ordo Templi Orientis*.

A correlação entre a purificação e a perfeição encarnada é discutida por Joseph Alter no capítulo décimo, intitulado *Yoga, Nature Cure and Perfect Health: The Purity of the Fluid Body in an Impure World*. O autor ilustra como as posturas (*asanas*) e as técnicas respiratórias (*pranayamas*) chegaram a ser consideradas abordagens de cuidado em saúde pública, construindo uma ponte entre Swami Shivananda, médico indiano e fundador do *Divine Life Society*, e o estabelecimento do *Central Council for Research on Yoga and Naturopathy* (CCRYN), posteriormente integrado ao Ministério da Saúde indiano.

Outra ponte é abordada no capítulo onze, *Samkhya in Transcultural Interpretation: Shri Anirvan and Lizelle Reymond*, por Maya Burger, em que os escritos do indiano Anirvan e de sua discípula e tradutora suíça Reymond são analisados, a partir da filosofia Sanquia que Anirvan utiliza para explicar o *yoga*. Reymond foi uma das intelectuais que levou os ensinamentos espirituais da Índia para a França. A autora conclui que Anirvan e Reymond apresentaram uma interpretação psicológica e mística do Sanquia para torná-lo aceitável ao mundo moderno.

Pontes entre as tradições indiana e cristã são o tema do capítulo doze, *Christian Responses to Yoga in the Second Half of the Twentieth Century*, de Anand Amaladass. A princípio, a receptividade cristã com relação ao *yoga* foi negativa, devido às distinções feitas por teólogos cristãos entre a religião revelada e outras religiões naturais. No entanto, houve autoridades cristãs que interpretaram o *yoga* como uma disciplina útil para o desenvolvimento espiritual cristão, podendo ser adaptado à abordagem teológica cristã.

Following the Transcultural Circulation of Bodily Practices: Modern Yoga and the Corporeality of Mantras, de Beatrix Hauser, constitui o capítulo 13, que analisa os fluxos globais do *yoga* e, também, a vocalização de mantras em aulas de *yoga* na Alemanha. A conotação dada a estes sons, além de invocar a tradição, é de canalizar a atenção para espaços sensoriais no corpo.

O evento mundial *Yoga Aid World Challenge* (YAWC) é discutido por Anne Koch, no capítulo 14, *Living4giving: Politics of Affect and Emotional Regimes in Global Yoga*, a partir da abordagem sócio-política do *yoga* moderno. Este evento consiste numa competição entre instrutores de *yoga* por doações ao oferecerem aulas de *yoga* em espaços públicos. A conduta altruísta ocorre, segundo Koch, devido a uma “política de afeto”,

que constitui uma espécie de espiritualidade pós-moderna permeada de elementos neoliberais.

No décimo quinto capítulo é Suzanne Newcombe quem explora, em *Spaces of Yoga: Towards a Non-Essentialist Understanding of Yoga*, os espaços físicos e sociais do *yoga* contemporâneo. Ela analisa desde os palcos dos *studios* até o tapete de *yoga*, como o *locus* do espaço ritual sagrado onde a reorientação psicofísica ocorre.

No último capítulo, intitulado *Naga, Siddha and Sage: Visions of Patanjali as an Authority on Yoga*, Gudrun Bühnenmann analisa o uso cada vez mais frequente de imagens e representações da figura de Patanjali, autor dos *Yoga Sutras*. Segundo a autora, isso se deve, principalmente, ao status canônico que Patanjali vem adquirindo em muitas escolas de *yoga* modernas.

O livro traz um importante panorama do *yoga* tanto tradicional como contemporâneo; estabelece pontes entre o Oriente e o Ocidente, escancara algumas descobertas derrubando crenças tradicionais, revela alguns elementos e rotas que influenciaram as transformações do *yoga*. Enfim, é uma ótima sugestão de leitura para todos os pesquisadores, alunos e praticantes do *yoga*, já que foca na área das ciências sociais e humanas, deixando de fora a abordagem já bastante desgastada do *yoga* vinculado tão somente à saúde. Destaca-se que entre os autores estão antropólogos, filósofos, sanscritistas, indólogos, professores de estudos religiosos sul-asiáticos, estudos orientais, e história da Ásia, a grande maioria atuando em universidades europeias, norte-americanas e canadenses, alguns dos quais são membros do grupo de pesquisa *Modern Yoga Research*.

Referências

MALLINSON, James; SINGLETON, Mark. *Roots of Yoga*. London: Penguin Random House UK, 2017.

MALLINSON, James. *Yoga and Religion*. In: Seminar on Modern Yoga organized by the UK Hindu Christian Foundation and held at Heythrop College, London, on March 12th, 2013.

MCCARTNEY, Patrick. *Politics Beyond the Yoga Mat: Yoga Fundamentalism and the 'Vedic Way of Life'*. *Global Ethnographic*, Nova Zelândia, v.4, p.1-18, 2017.

MODERN YOGA RESEARCH. Information and resources for better understanding. 2017. Disponível em: <http://www.modernYogaresearch.org/> Acesso em: 5 set. 2017.

SIEGEL, Pamela; BARROS, Nelson Filice de. *Yoga: Tradição e Prática Integrativa de Saúde*. Fortaleza: EdUECE, 2016.

Recebido: 7 de maio de 2020.

Aprovado: 27 de maio de 2020.